

Edmondo GRASSI

Doutorado em Investigação Social Teórica e Aplicada

XXXIIº ciclo

Departamento de Ciências da Educação

Universidade dos Estudos de Roma Três

edmondo.grassi@uniroma3.it

Questões éticas na sociedade das inteligências artificiais.

Uma metodologia fenomenológica

Na sociedade contemporânea, permeada pela imanência da tecnologia, a pessoa perde a sua centralidade e desencadeia a quarta revolução por efeito do avanço científico e progresso digital: o da rutura do antropocentrismo (Tegmark, 2018), da Indústria 4.0 (Henning, Wolf-Dieter e Wolfgang, 2011) e da infosfera (Floridi, 2010). O debate científico e académico tem necessidade de focar a sua atenção, entre os diferentes elementos, na formulação de novos princípios éticos que possam orientar a pessoa na sua interação, interconexão e, em alguns casos, *na fusão com a máquina e o seu apport de valor.*

A hipótese teórica da máquina

A hipótese de investigação que sustenta esse percurso é a necessidade de indagar como a relação entre o ser humano e técnica / tecnologia seja a representação da relação com o eu e o outro. O objeto de estudo é a inteligência artificial que se impõe como sistema ou aparelho imanente que coexiste e se envolve na vida biológica do indivíduo, como uma fórmula alquímica que une o biológico com o construído, o artificial. A mutação do paradigma relacional que a técnica sempre teve induzida na pessoa, é fortalecida para se tornar uma potencial coisificação do sujeito que poderia transformar-se numa alienação do eu: do domínio sobre o objeto, para o domínio do objeto.

O advento das inteligências artificiais está a afetar com mudanças significativas a gestão das liberdades comuns, da vida privada e pública, do indivíduo e da comunidade, procurando cada vez mais na artificialização do eu e na relação com máquinas, lugares, sujeitos, reflexões para interação com o *outro eu.* Tais

mudanças podem tornar-se novas pontes para aspetos do ser humano que ainda não foram investigados, em direção a uma nova projeção ontológica onde a *techné* não é mais uma função da *physis*, mas a produz, tornando-se o que poderíamos definir como *techne-naturans*: uma práxis tecnológica que nasce da natureza e que se expressa na sua fusão.

A complexidade oculta da tecnologia e, portanto, da realidade indica a necessidade de repensar a relação entre a tangibilidade do natural e suas representações digitalizadas e mecanizadas. Qual será a ética do futuro? Quais são os valores a apoiar na nova revolução que vê a pessoa ladeada pela máquina ou que a integra nela? Quais são, neste momento, as escolhas globais sobre esses temas? Essas são as questões que me levaram a decidir realizar um exame para a busca de novos paradigmas éticos para a máquina e para a coexistência com o ser humano, declinando mitos, valores e modelos anteriores, reformulando-os e tentando imaginar o futuro.

Ao cruzar a fronteira da pesquisa, é necessário ter uma mochila resistente, mas moldável - que representa a própria hipótese, estruturada, mas sujeita a possíveis novas declinações - capaz de conter as múltiplas ferramentas a serem utilizadas nas suas escavações, escaladas, imersões, meditações e reuniões e os instrumentos que estão a permitir o progresso deste estudo são reflexões sobre as origens do mito, sobre a análise das representações artísticas do género ficção científica, juntamente com a possibilidade de refazer a história das revoluções industriais da sociedade humana, até a observação da difusão e aceleração do progresso tecnológico através da recolha de artigos de jornal, presença em conferências-debates e declinação do imaginário coletivo na realidade artificial, onde o primeiro é frequentemente um oráculo premonitório do segundo.

Trata-se de uma pesquisa que está em constante progresso, que estabiliza os seus fundamentos na metodologia qualitativa, através do conhecimento direto do contexto e da reflexão que reporta o sujeito a uma comunidade, numa dualidade dialógica entre a fragilidade do ser humano e a intangibilidade do algoritmo inteligente artificialmente.

A ética, nesse contexto, representa a compreensão da evolução das relações humanas, entre similares, com instituições e com a presença de um novo ator social que está a romper certezas seculares: a inteligência artificial reinterpreta

a mudança social como sinónimo da moral do ser. A tarefa do investigador é reconhecer valores específicos, reconstituí-los nas suas partes essenciais, decliná-los para esse encontro entre as espécies, a fim de colocá-los num contexto que possa expressar o poder da atividade da criatura digital-mecânica que coopera e coexiste com a criatura humana.

Somente através dos princípios éticos aplicados e ensinados à inteligência artificial poderemos ter uma nova visão da sociedade, da natureza e da função do humano.

Questões teóricas entre humano e artificial

O primeiro elemento que surge em relação à abordagem metodológica de uma investigação fortemente teórica é a dúvida sobre como lidar com questões éticas e abordagens de valor relativas a um setor humano extremamente complexo e em constante mudança: progresso tecnológico e novas ferramentas digitais-artificiais que desenvolveram uma velocidade de evolução completamente autónoma.

A inteligência artificial, diferentemente das descobertas técnicas e tecnológicas anteriores da humanidade, representa um distanciamento tangível na percepção do eu e do outro (Floridi, 2014), uma vez que é um agente ativo em constante evolução mesmo sem o auxílio da pessoa (MtoM), capaz de redesenhar a dimensão da ação social, utilizando o pensamento weberiano, e a dimensão comunicativa e representacional, segundo os estudos de Wittgenstein.

A pesquisa em questão decorre da necessidade de compreender uma descoberta do humano que se estabeleceu como um elemento imanente da sociedade, utilizando um mecanismo indutivo, com a tarefa de sondar um cenário ainda escuro em que algumas novas criaturas brilham casualmente. Os principais dados, portanto, são analisar uma mudança que está fluindo numa velocidade ultra acelerada em comparação com o sentimento / conhecimento da pessoa (Han, 2014).

O objetivo principal da pesquisa é compreender, apreender e levantar questões éticas que levem a um núcleo de oportunidades numa sociedade inclusiva para os desenvolvimentos da inteligência artificial. Por meio de um decálogo de

princípios éticos sugeridos como necessários, consideraremos a estrutura e o desenvolvimento futuro de nossas ações.

Em apoio a essa escolha, existem muitos filósofos, matemáticos, engenheiros, físicos e excelentes representantes do mundo acadêmico que discutem esse aspeto, como a fundação de um futuro que se está a tornar cada vez mais presente, destruindo a concepção e os limites do espaço e do tempo até agora adotados: a vida biológica funde-se com a inteligência do *artificio* (esta última, considerada numa perspectiva *aristotélica*).

Questões metodológicas de um fenómeno *intangível*

Imergir numa investigação de doutoramento é como entrar num espaço atravessado anteriormente por outros, tentando interpretar, por meio da própria experiência e ferramentas, a mesma paisagem e, simultaneamente, descobrir novas alturas, potencialidades e perspectivas: trata-se de um diálogo coral que deverá levar a uma *cavatina* que permitirá ao investigador estabelecer o seu próprio espaço pessoal. A vantagem oferecida pela metodologia qualitativa é a possibilidade de se ter uma hipótese flexível, não cristalizada nos dados e que possa ser indagável por meio de múltiplos olhares. Concede ao investigador a liberdade de abertura, de adaptação, da mudança de pesquisa às manifestações do fenómeno que ocorrerá no decorrer da sua análise, aspeto que melhora a qualidade da informação gerada. A escolha pela adoção de uma metodologia qualitativa deve-se à possibilidade de estruturação de uma abordagem de valor que mude heurísticamente com a mudança de complexidade do objeto/sujeito estudado, a fim de preservar a perspectiva teórica do investigador e sua possibilidade de encontrar uma sensibilidade de valores por meio das verificações realizadas. As prerrogativas que aprimoram o método qualitativo no estudo de um evento que combina e baseia o conceito de cultura e mudança, de linguagem e identidade, de intimidade e comunidade, que é o *apport* de valor e não-neutro da inteligência artificial, e que será levado em consideração em relação às “ferramentas” usadas para esta pesquisa são a possibilidade de destacar o uso de romances, da narrativa de ficção científica dos grandes clássicos ou de autores mais recentes com a real veracidade do estudo do facto sociológico (Dal Lago, 1989; Gammaitoni, 2012), podendo

afirmar que o imaginário da arte cruza transversalmente a história da pessoa e manifesta-se como estrutura intrínseca dos grupos sociais, uma vez que uma sociologia sem imaginário não teria razão para existir (D'Amato, 2007); compreender através da leitura da vida cotidiano, das notícias jornalísticas, a descrição dos eventos sociais que precisam de ser colocados sob a lente do microscópio das ciências sociais e humanas, já que a comunicação de massa exprime-se, cada vez mais, com maior vigor através do simbolismo (Kertzer, 1988); até a comparação com testemunhas privilegiadas, à narração da trajetória de vida que os levou ao seu estatuto de ilustres observadores de um fenómeno, neste caso a evolução tecnológica e o advento da inteligência artificial, que representou uma rutura com tudo isso até agora apenas *imaginário* (D'Amato, 2012), ouvindo a necessidade interior de uma nova ética reformulada para o ser e desenhada para a máquina.

Percorrendo este caminho, pretende-se construir pontos de paragem meditativa num vórtice que sobrecarrega o humano. É a visão Benjaminiana onde o anjo é substituído pelo ser, que é transportado para o futuro, observando um passado cada vez mais fosco, nebuloso, incerto, do qual muitas vezes perdemos coordenadas. A tecnologia é parte integrante desse ser e o sistema, que é estritamente teórico, destaca uma discussão que desconsidera a natureza sistemática dos dados, sua frieza e rigor, mas que se deixa envolver por um vento dinâmico e mutável que toca em todos os elementos que podem enriquecê-lo e que podem ser explorados, em sua intimidade e em sua sociabilidade.

A inteligência artificial é um reflexo através do qual desestruturando o antropocentrismo prevalecente no Ocidente pode permitir que a pessoa conheça mais sobre a sua natureza através de um diálogo com uma entidade externa, mas de sua criação: se o indivíduo se sentisse demiurgo de um novo *monstro* Frankenstein, ele teria que lembrar que somente através do que será transmitido, ensinado e experimentado, como é o caso do romance de Shelly, esta criação pode interagir com a raça humana e só assim permitirá à tecnologia sondar de uma maneira mais capilar a natureza biológica do ser e do seu ambiente.

A abordagem qualitativa e, portanto, a construção de um quadro teórico suportado por um sistema axiológico, a recolha de documentos que, no

cotidiano, dão o fluxo ultra-acelerado de um fenómeno e a metamoral de uma sociedade em que a mudança e a cultura se tornaram dois aspetos especulares e a entrevista semiestruturada, através do qual investigar não apenas as questões científicas, mas também as histórias de vida que levaram um sujeito social a tornar-se uma parte privilegiada de um fenómeno, são voltadas para um exame que não contempla os dados na sua rigidez, esquematização e burocratização, mas é um dado vivo, mutável, poliédrico, capaz de desenvolver novos pontos de observação, em direção a uma estrutura que não é estritamente factual e rígida, mas que contempla a pesquisa como um organismo biológico que evolui sob a pressão de agentes ambientais externos.

Não havendo a possibilidade de investigar essa hipótese por meio de entrevistas amplas, o método escolhido é utilizar ferramentas que façam uso de fontes privilegiadas, sejam elas testemunhas ou divulgação científico-jornalística, que compartilham a possibilidades de extrair de uma fonte de informação verificada através de experiências de vida, papéis desempenhados, conhecimento estruturado ao longo do tempo. A cura deve ser colocada na formação de um microcosmo de fontes-testemunhas que seja representativo de uma vastidão o mais heterogénea possível do fenómeno investigado. A tarefa do investigador é conduzir a sua própria fonte para um diálogo de natureza fenomenológica, entre a concepção hegeliana (dialética), de uma exploração do fenómeno (parte consciente) necessária para tecer a trama mais profunda (o espírito-simi-absoluto) que está por trás dela, e a do estilo Husserliano, que requer uma gnoseologia baseada na intuição, em que o fenómeno é a manifestação de uma paisagem a partir da qual se capta sinais, figuras, mudanças e atores essenciais para a compreensão da essência (transcendental).

O aspeto de troca que ocorre entre a informação oral e a relação com a documentação escrita é significativo, observando-se uma referência recíproca, onde, em diferentes casos, a imaginação da mente humana e as representações mentais do ser se tornam matrizes interpretativas de uma dimensão, a das inteligências artificiais, desprovido dos limites do espaço e do tempo, tendo quebrado as fronteiras que pertencem de momento à única barreira da pele humana. Mesmo esse aspeto é necessário para construir um

aparato ético que seja funcional não para o momento presente, mas para o futuro próximo que encurta cada vez mais as distâncias com nossa vivência.

O dado como um limite fenoménico, como uma representação meramente quantitativa, não é mais útil para o propósito de explicar o assunto, mas sim a necessidade de atualização constante dada pela contextualização e historicização das manifestações de uma sociedade global hiperconectada, mas também digitalmente dividida. A montante deste quadro, existem valores, mitos, tradições e atitudes pré-existentes ao indivíduo, que exercem pressão sobre as suas relações sociais, mas que se chocam com o inesperado progresso tecnológico e com a ascensão de um novo ator social de quem se desconhecem as capacidades, as aplicações, as interconexões e a fusão com o ser humano. Trata-se de uma abordagem arqueológica, armada com os instrumentos necessários para as escavações, que levará ao encontro de elementos residuais, achados históricos, mas também descobertas inesperadas que até então não haviam sido consideradas ou imaginadas, como a relação entre o centro da nossa hipótese e a periferia da informação recolhida (Shils, 1975).

Somente a abordagem qualitativa é capaz de desencadear uma relação dialógica e dicotómica entre as próprias fontes, transformando o investigador num nadador que mergulha em abismos que podem ser ricos em profundidades e criaturas até então desconhecidas, sem cair no virtuosismo de uma avaliação do outro, na tecnicidade da seleção dos dados almejados, mas deixando para uma nova linguagem a possibilidade de concatenar as palavras e, portanto, os conceitos, revelando visões do futuro.

Visões futuras

Através dessas visões, queremos apoiar a possibilidade de poder investigar a mudança que está inserida nas dobras da sociedade contemporânea, nas roupas amarrotadas de uma cidade global (Park, 1925) que aparece, aparentemente, sem uma fronteira, mas cada vez mais montada numa multiplicidade de singularidades que compartilham frações de segundos. Para conduzir esta carruagem em direção a um novo patamar do conhecimento, as rédeas da teoria e as do método devem ser esticadas com igual força,

permitindo ao investigador explorar três aspetos fundamentais do seu conhecimento: reconhecer, imaginar e reconstruir.

Ao explicar de modo mais exaustivo o que foi mencionado nesta apresentação, acredito que o estudo sobre a necessidade de uma ética da máquina e não apenas do ser humano em relação a ela é necessário para compreender a estrutura da sociedade como um todo, que mitos e valores serão usados para se narrar no quadro histórico, da história da humanidade e, finalmente, a que mudanças tecnológicas e biológicas, tanto físicas, como psicológicas e emocionais, seremos submetidas na trajetória do nosso progresso.

Encontrar-se diante da vida das pessoas é como ter um grande novelo de lã nas mãos, na qual vários fios estão entrelaçados, emaranhados, desprovidos de direção, de diferentes consistências que se tenta desemaranhar, mas que nem sempre nos permitem lidar com eles. Talvez a inteligência artificial nos ajude na maior tarefa de um investigador: a narração do imaginário e do real da vida humana.

Bibliografia

- Ardizzo G. (a cura di) (2003), Governare l'innovazione. La responsabilità etica, Soveria Mannelli, Rubbettino;
- Bichi R (2000), La società raccontata. Metodi biografici e vite complesse, FrancoAngeli, Milano;
- Dal Lago A. (1989), Oltre il metodo. Interpretazione e scienze sociali, Unicopli, Milano;
- D'Amato M. (a cura di) (2012), Finzioni e mondi possibili, LibreriaUniversitaria, 8 Roma;
- Derrida J. (2018), L'animale che dunque sono, Jaca Book, Milano;
- Floridi L. (2010), The Cambridge Handbook of Information and Computer Ethics, Cambridge University Press, Cambridge;
- Gammaitoni M. (a cura di) (2012), Per una sociologia delle arti, Cleup, Roma;
- Greenfield A.(2017), Tecnologie radicali, Einaudi, Torino;
- Mannheim K. (1952), Sociologia della conoscenza, Dedalo, Bari;
- Id. (1957), Ideologia ed utopia, Il Mulino, Bologna;
- O'Connell M. (2018), Essere una macchina, Adelphi, Milano;

Shils E. (1975), Center and periphery: essays in macrosociology, University of Chicago Press, Chicago;

Sini C.(2017), L'uomo, la macchina, l'automa, Bollati Boringhieri, Torino;

Id. (2018), Filosofia teoretica, Jaca Book, Milano;

Tegmark M. (2018), Vita 3.0. Essere umani nell'era dell'intelligenza artificiale, Raffaello Cortina Editore, Milano;

Tognonato C. (2018), Teoria sociale dell'agire inerte. L'individuo nella morsa delle costruzioni sociali, Liguori, Napoli;